

PREFÁCIO – O ROMANCE DO MEDO¹

FOREWORD – THE NOVEL OF FEAR

José Augusto Carvalho*
(*In memoriam*)

João Felício dos Santos dizia que todo romance é necessariamente histórico e necessariamente ficção. É histórico, porque tem sempre muito da experiência e da vivência pessoal do escritor; e é ficção, porque é arte.

Posto que siga de perto a História, até mesmo em biografias de vultos ilustres, o escritor faz ficção, porque imagina diálogos e situações, valoriza alguns detalhes em detrimento de outros, ou faz a triagem deste ou daquele episódio que lhe chamou mais (ou menos) a atenção. Falar em “romance histórico” é ser redundante ou contraditório. Redundante, porque o romance, enquanto tal, é sempre projeção de seu autor ou da realidade que seu autor interpreta e cria. Contraditório, porque, sendo romance, não é ciência nem compêndio escolar. Talvez pudéssemos adotar a tipologia que Edwin Muir apresenta e explica sobretudo nos dois primeiros capítulos do seu livro *A estrutura do romance*: o

¹ CARVALHO, José Augusto. Prefácio – o romance do medo. In: MORAES, Neida Lúcia. *O mofo no pão*. 4. ed. São Paulo: Lisa, 1994. p. 9-12.

* Escritor e doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP) (1940-2025).

romance de ação, o de personagem e o de drama. A necessidade de ser mais preciso pode levar à subcategorização ou a outros rótulos; nunca, porém, ao de “histórico”. É o que intuitivamente, talvez, mas com profunda lucidez, Neida Lúcia Moraes afirma na introdução deste *O mofo no pão*: “onde a precisão é impossível, a conjuntura pode ser valiosa”.

O título é uma metáfora que remete cataforicamente à frase nominal da coda. “Pão da vida” é o que se afirma ser Jesus Cristo, segundo duas passagens do cap. 6 do Evangelho de São João: os versículos 35 e 48. Como trata da Inquisição, este romance conota a frustração daqueles que sentem a Igreja Católica cada vez menos cristã, edificada numa hierarquia pomposa de padres, bispos, arcebispos e cardeais, sem respaldo bíblico e sem legitimação evangélica. É uma denúncia velada, atualmente apresentada por outros escritores, entre os quais, para só citarmos dois, a brasileira Ana Miranda, com *Boca do inferno*, e o português José Saramago, com *Memorial do convento*.

O mofo no pão é a história de um camponês com uma visão panteísta do mundo. Leitor inteligente (ele lia até mesmo o *Alcorão*), numa época de analfabetismo convenientemente institucionalizado por uma teocracia que se acreditava dona absoluta da Verdade e da Fé, Nuno paga com a vida sua revolta contra as injustiças sociais e a intolerância religiosa. Ciente de sua própria verdade, que sabe defender com coragem e determinação, Nuno mantém-se fiel aos amigos e a si próprio. Não os trai nem se trai, nem mesmo sob tortura física e moral que lhe é imposta pelos inquisidores. Ao lado dele, dois outros sofrendores e lutadores: o judeu Abraão, que também é Diogo Rodrigues, Dioguinho Hebreu e, finalmente, Gonçalo; e o francês Henri du Villiers, atormentado pelo remorso, carregando consigo a imagem alucinada e a lembrança/esperança autoconsoladora do irmão gêmeo Gérard.

Entre os personagens masculinos dignos de destaque, a contrastar com o rigor desumano do padre Paulo, está a figura ingênua, simples e paternal do padre

Albino, a tentar proteger seus paroquianos da fé cega e da fúria homicida dos inquisidores. Padre Albino acredita sinceramente nos propósitos de purificação anímica dos carrascos de batina, e não tem forças nem argumentos para sobrepor à fé o amor a Nuno e a Mariana.

Depois vêm as figuras femininas da submissa Mariana, esposa de Nuno; de Raquel, paixão impossível de Nuno, a sonhar com a clausura; e da extraordinária Inês do Rosário, uma das “meninas” do prostíbulo de Bernardina.

O amor e o ódio não são contraditórios; são, antes, subcontrários, já que podem ser ambos verdadeiros ao mesmo tempo, mas não podem ser ambos falsos, ao mesmo tempo. E é o amor que também mata e engrandece e amesquinha: Zé Antunes, que não via com bons olhos a preferência da filha Raquel pelo “subversivo” Nuno, se torna olheiro da Inquisição, por amor de pai; João das Neves Ayres de Miranda, bandeirante frustrado, e frustrado caçador de esmeraldas, tem um derrame, fica paralítico, e morre de tristeza e dor, com a prisão e o interrogatório do filho Nuno pelos inquisidores; e, finalmente, a Rosário, cujo amor desmedido por Diogo/Gonçalo a leva à delação, algoz involuntário do homem que amava.

Mas o personagem central deste romance é o medo. O medo que se respira na taverna do Josias, quando das discussões sobre a fé; o medo que a Inquisição impõe aos homens; o medo que leva a pessoa a confundir-se nos interrogatórios surrealistas e a jogar-se, involuntariamente, contra os amigos; o medo das bruxarias, da tentação de ser livre e de sonhar com um futuro sem medo. O capítulo XIV é um exemplo do terror psicológico imposto com sinceridade, sem intenção maquiavélica à infeliz Mariana. Os tempos é que eram terríveis, e o padre, posto que bom, era apenas um instrumento vivo desse terror dominante.

Seguindo a mesma linha de seus romances anteriores, Neida Lúcia Moraes explora o aspecto folclórico das crendices, superstições e mezinhas, de que é

rico, sobretudo, o cap. XIV. Muito há, também, de alusões a ritos e costumes judaicos, de referências à sociedade machista e patriarcal da época, e de transcrições interaspeadas de documentos históricos. Aliás, além de fatos da História do Brasil, como a invasão francesa, há, particularmente, com relação ao Espírito Santo, informações sobre a construção do Colégio dos Jesuítas, em Vitória, e nossos primeiros governantes.

Mas é o aspecto linguístico que merece mais atenção. Embora, aparentemente, a autora não renove a linguagem, há um cuidado artesanal de moldá-la aos personagens. Exemplifico com o cap. XI, dominado por Rosário, em que a sucessão de lugares comuns surpreende o leitor: “estar uma pilha”, “fechar-se em copas”, “por em pratos limpos”, “tempo de vacas magras”, “estourar de orgulho”, “arder como um fogaréu”, “com a boca na botija”... Mas Rosário é uma prostituta analfabeta, simplória, e é na visão dela — com toda a sua simplicidade, sem subterfúgios — que a narrativa se desenvolve, nesse capítulo. E ao lampejo de uma ideia que lhe pareceu brilhante, para vingar-se da indiferença ou do desprezo com que a tratava o amante, a linguagem também brilha na renovação dos clichês e das frases feitas: ela mostraria a ele não “com quantos paus se faz uma canoa” — seria o lugar comum da sua vingança —, mas “com quantos risos se faz um palhaço”!

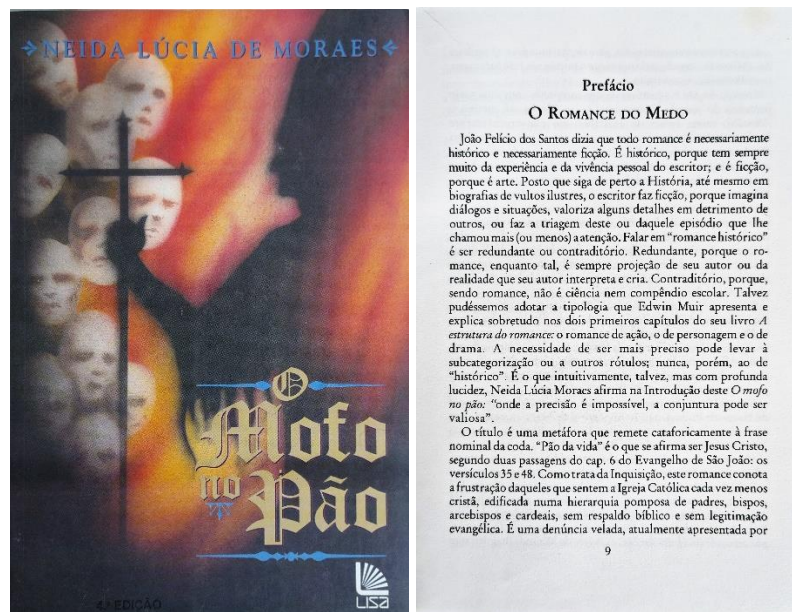
Às vezes, a frase feita adquire tons de estudada ambiguidade ou oferece várias possibilidades de leitura. No cap. X, por exemplo, a expressão “forçar a barra” tem pelo menos duas leituras simultâneas: a figurada — usual na gíria —, significando o procedimento inadequado ou inatural, e a própria — em linguagem militar —, significando o uso da força pela tropa invasora na entrada do porto!

Às vezes, a prosa da autora é ritmada e até rimada, como no cap. II: “... o negro Genésio dormia deitado no feno macio e que cheirava tão bem. Foi andando depressa, a roupa já toda molhada dos pingos de chuva. Os cabelos compridos e lisos, despenteados, o corpo bonito e moreno, cheirando a erva do campo, a

flor de jasmim. Uma beleza agreste que não é só dela, mas da leveza do seu caminhar. Correu para a beira do rio, o rio da infância, dos irmãos pequeninos, da mãe a lavar — ‘Ajuda a esfregar, filha!’ — havia tanto a lembrar...”

Finalmente, a ironia do desfecho: o personagem Zé Antunes, olheiro da Inquisição, sonha com um marido para a filha. Mas um dos dois candidatos a genro pode ser, como um castigo para o qual ele não atenta, exatamente alguém que os inquisidores não costumavam poupar: um judeu.

Por tudo isso — e pelo muito que eu não disse —, este é um romance que fica. Fica nas nossas letras, na nossa história, na atenção do leitor que o estiver lendo, e na saudade, quando chega o fim.



Capa de *O mofo no pão*, de Neida Lúcia Moraes,
e página inicial do “Prefácio – o romance do medo”,
de José Augusto Carvalho sobre o romance.